

COLÉGIO PEDRO II

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA**
Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

PAULA CARVALHO DE ONOFRE

POESIA NO QUE FOI ESQUECIDO...:

Percursos em Reaproveitamento, Apropriação, Memória, Arte
Contemporânea e Ensino de Artes Visuais

Rio de Janeiro
2025



PAULA CARVALHO DE ONOFRE

POESIA NO QUE FOI ESQUECIDO...:

Percursos em Reaproveitamento, Apropriação, Memória, Arte Contemporânea e Ensino de Artes Visuais.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

O58 Onofre, Paula Carvalho de

Poesia no que foi esquecido... : percursos em reaproveitamento, apropriação, memória, arte contemporânea e ensino de artes visuais / Paula Carvalho de Onofre. – Rio de Janeiro, 2025.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Edvandro Luise Sombrio de Souza.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Educação ambiental. 3. Reaproveitamento (Sobras, refugos, etc.). 4. Apropriação (Arte). 5. Arte contemporânea. 6. Memória. I. Souza, Edvandro Luise Sombrio de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

PAULA CARVALHO DE ONOFRE

POESIA NO QUE FOI ESQUECIDO...:

Percursos em Reaproveitamento, Apropriação, Memória, Arte Contemporânea e Ensino de Artes Visuais.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: 23/08/2025.

Banca Examinadora:

Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza (Orientador)
COLÉGIO PEDRO II

Esp. Myrna Stephanie de Faria Trotta Silva
COLÉGIO PEDRO II

Dr. Ludmilla Pollyana Duarte
Prefeitura Municipal de Saquarema

Rio de Janeiro
2025

Dedico esse trabalho às crianças que me fazem acreditar que é possível um mundo melhor e que viver pode ser muito mais simples e bonito!

AGRADECIMENTOS

Ao Roger, meu companheiro, agradeço pela paciência infinita, pelo amparo silencioso e pela certeza de que, mesmo nos dias mais difíceis, havia um porto seguro esperando por mim.

Ao Vicente, meu filho, dedico cada linha e cada arte que produzi ao longo desse ano. Agradeço por entender que os sábados que antes eram nossos e para ele, passaram a ser meus e por se orgulhar de ter uma mãe que estuda no Pedro II, colégio que ele sonha um dia estudar também. Vicente é quem acende minha imaginação e me lembra que a arte salva.

A minha amiga Vanessa, mulher em quem me inspiro, que me deu a mão e me puxou de um lugar que eu já não cabia, me ajudando a voltar a ter coragem pra ser quem quero e gosto de ser.

A minha mãe e irmãs, que são minhas raízes e minha segurança, lugar pra onde sei que sempre posso sempre voltar.

Ao querido professor Ed, meu orientador, pela escuta generosa, pelo olhar atento e pelas palavras que sempre abriram horizontes, transformando dúvidas em possibilidades me fazendo acreditar que sou capaz de escrever.

Aos professores do curso *Saberes e Fazeres em Artes Visuais*, por ampliar meu modo de ver e sentir o mundo, pela partilha generosa de conhecimentos, pela dedicação e por reacenderem em mim uma luz que eu havia esquecido que existia. Vocês são pessoas que quero ter por perto durante toda minha jornada.

Aos colegas de turma, pela partilha de saberes e afetos, que fez dessa nossa jornada mais que um aprendizado, fez dela um encontro. Em especial, à Meg e à Giovana, amizades que nasceram na pós e que seguirão vivas para além dos muros da escola, na nossa Santíssima Trindade. À Nicole, companhia nas minhas idas e vindas que com sua calma me trouxe sempre muita paz!

E a todos que, de alguma forma, fizeram parte deste processo, meu reconhecimento e minha gratidão pois cada gesto, palavra, presença e ajuda são peças essenciais desse um mosaico que com vocês, ganhou forma, beleza e muito mais sentido.

RESUMO

ONOFRE, Paula Carvalho de. POESIA NO QUE FOI ESQUECIDO...: Percursos em Reaproveitamento, Apropriação, Memória, Arte Contemporânea e Ensino de Artes Visuais. 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho aborda o reaproveitamento de materiais descartados no ensino de Artes Visuais, a partir de uma perspectiva teórico-poética e memorialista. A pesquisa desenvolveu-se no contexto do curso de pós-graduação Saberes e Fazeres em Artes Visuais (Colégio Pedro II), articulando experiências pessoais, produção artística autoral e fundamentos da arte contemporânea, com foco nas práticas de assemblage e apropriação. Partindo da reflexão sobre resíduos como potenciais portadores de memória e significado, investiga-se o deslocamento simbólico de objetos cotidianos, transformando-os em novas narrativas visuais. A fundamentação teórica dialoga com Cauquelin (2005), Rizzi & Anjos (2012) e Siqueira (2015), sustentando a compreensão da arte como espaço de ressignificação e de educação ambiental. São analisadas obras de artistas brasileiros como Arthur Bispo do Rosário, Rosana Paulino, Marcelo Conceição e Eduardo Srur, cujas produções exploram resíduos e objetos encontrados como meios de crítica social, preservação da memória e reflexão sobre consumo e descarte. No campo da arte-educação, o uso criativo de materiais reaproveitados amplia a consciência ecológica dos estudantes, desenvolve habilidades estéticas e técnicas e fomenta valores éticos e afetivos relacionados ao cuidado com o meio ambiente. Defende-se que a integração entre práticas artísticas e educação ambiental possibilita uma formação crítica e sensível, estimulando a imaginação e a responsabilidade socioambiental. O trabalho evidencia que criar a partir do que foi rejeitado é também um ato político, capaz de transformar resíduos em linguagem e memória, contribuindo para a construção de uma sociedade mais sustentável e consciente.

Palavras-chave: educação ambiental; reaproveitamento; apropriação; arte contemporânea; memória; ensino de artes visuais.

ABSTRACT

ONOFRE, PAULA CARVALHO DE. POESIA NO QUE FOI ESQUECIDO...: Percursos em Reaproveitamento, Apropriação, Memória, Arte Contemporânea e Ensino de Artes Visuais. 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

This work addresses the reuse of discarded materials in Visual Arts education from a theoretical-poetic and memorial perspective. The research was developed within the postgraduate course Saberes e Fazeres em Artes Visuais (Colégio Pedro II), articulating personal experiences, authorial artistic production, and the foundations of contemporary art, focusing on assemblage and appropriation practices. Starting from the reflection on waste as potential carriers of memory and meaning, it investigates the symbolic displacement of everyday objects, transforming them into new visual narratives. The theoretical framework dialogues with Cauquelin (2005), Rizzi & Anjos (2012), and Siqueira (2015), supporting the understanding of art as a space for re-signification and environmental education. The study analyzes works by Brazilian artists such as Arthur Bispo do Rosário, Rosana Paulino, Marcelo Conceição, and Eduardo Srur, whose productions explore waste and found objects as means of social critique, memory preservation, and reflection on consumption and disposal. In the field of art education, the creative use of reused materials expands students' ecological awareness, develops aesthetic and technical skills, and fosters ethical and affective values related to environmental care. It is argued that integrating artistic practices with environmental education enables critical and sensitive training, stimulating imagination and socio-environmental responsibility. The work shows that creating from what was once rejected is also a political act, capable of transforming waste into language and memory, contributing to the construction of a more sustainable and conscious society.

Keywords: environmental education. reuse. appropriation. contemporary art. memory. visual arts teaching.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	8
INTRODUÇÃO	9
MEMORIAL DE PERCURSO	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	265
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Um amontoado de lixo? Uma velha caixa boiando na Lagoa de Itaipu? Um universo à espera de um olhar atento?



IMAGEM 1: Paula Onofre. *Aparicio*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)

MEMORIAL DE PERCURSO

Papelão, barbante, garrafa pet, caixas de ovos...

Botão que caiu do vestido que não existe mais, chave de armário antigo, sapatinho de boneca, o colar de contas que o fecho quebrou... Aquele monte de pequenas coisas que ficam quase escondidas, no fundo daquela gaveta do móvel da sala da casa dos seus pais ou avós. Objetos carregados de histórias e que fizeram parte de uma vida. Sobras de um uso encerrado, restos de uma função cumprida. Há poesia naquilo que foi esquecido, nas formas irregulares do papelão amassado, nos fios soltos do barbante desfiado, nas texturas da caixa de ovos que antes abrigava fragilidades. Há potência no que foi abandonado, como podemos ver na IMAGEM 2.

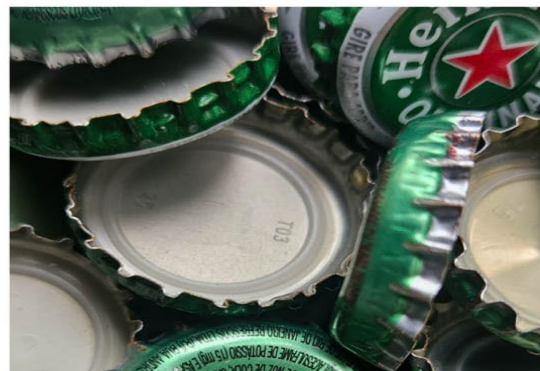


IMAGEM 2: Paula Onofre. *Tudo isso é Material*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)



IMAGEM 3: Paula Onofre. *Fragmentos*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)

O que é o lixo senão um deslocamento? Um objeto que, retirado de um contexto de utilidade, passa a ser invisível, desimportante, um peso a ser eliminado. No entanto, ao mudar a perspectiva, ressignificamos. O papelão que serviu de embalagem e proteção, pode se transformar em base para um novo experimento artístico plástico. O barbante que envolvia e lacrava um pacote pode agora tecer conexões entre formas e volumes. A caixa de ovos, moldada em suas cavidades, pode se tornar um suporte para ideias que nascem e florescem.

O uso de objetos, ou de materiais “não-convencionais”, na produção artística, enquanto recurso criativo, não é uma prática recente. Desde o início do século XX, especialmente a partir do Dadaísmo e, posteriormente, do Surrealismo, artistas passaram a incorporar elementos do cotidiano em suas obras, subvertendo suas funções originais. De acordo com Ernst Gombrich (2000, p. 557-597), no capítulo 27, a arte dessas vanguardas buscava romper com os valores tradicionais, recorrendo ao absurdo e à provocação para incluir o banal e o comum no campo da arte, desafiando os limites do que era considerado artístico. Essa abordagem foi retomada nos anos 1960 por movimentos como o Novo Realismo e a Pop Arte, que refletiam as profundas transformações culturais e sociais da época. Esses movimentos propunham uma ruptura com os ideais modernistas, aproximando-se deliberadamente da cultura de massa, dos objetos do cotidiano e de uma crítica ao consumo exacerbado. Já nas décadas de 1980 e 1990, a apropriação de objetos - entendida como o uso de elementos ou obras já existentes em novas criações - permaneceu presente, mas com um viés mais crítico e irônico, questionando os conceitos de originalidade e autoria. Essa prática, fortemente influenciada pelo ready-made de Marcel Duchamp (1887- 1968) e pelos paradigmas das vanguardas do início do século XX, foi ressignificada por artistas contemporâneos que abordavam questões sociais, políticas e identitárias (Foster, 2017, p. 81-117).

Na arte contemporânea, desde então, esse processo tem se ampliado de forma significativa: a/o artista incorpora qualquer tipo de objeto ou referência, material ou imaterial, à sua poética, sem necessariamente seguir orientações estéticas prévias ou se alinhar a correntes estabelecidas. Trata-se de uma prática aberta, em constante reinvenção, que reflete a complexidade, fluidez e multiplicidade de vozes da produção artística atual (Gombrich, 2000, p. 599-633).

Por outro lado, a *assemblage*, do francês, “ajuntamento” ou “montagem”, que designa uma técnica artística que se constitui pela reunião de objetos diversos, muitas vezes oriundos do cotidiano, organizados de maneira a formar uma nova composição estética e simbólica, ganha relevância como uma prática artística que explora a justaposição (não apenas) de objetos encontrados e materiais descartados para compor novas obras.

As práticas de apropriação e *assemblage* rompem com a noção tradicional de escultura e pintura, utilizando o cotidiano como matéria-prima para a criação. Elas desafiam os limites entre arte e não-arte, promovendo uma reflexão crítica sobre consumo, valor, memória, dentre outras coisas. Essas práticas encontram uma expressão singular na obra de Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) que elaborou uma produção marcada pela composição com objetos cotidianos como fios, tecidos, utensílios e pedaços de roupas. Sua obra *Manto da Apresentação* (IMAGEM 4) é um exemplo emblemático de *assemblage*, onde elementos aparentemente banais são transformados em arte sacralizada, evocando um universo simbólico próprio, espiritual e memorialista. Nesse processo, Bispo reafirma a potência criativa do reaproveitamento, transformando resíduos em testemunhos de existência.



IMAGEM 4: Arthur Bispo do Rosário, *Manto da Apresentação* (título atribuído), bordado, costura e escrita¹.

¹ Imagem retirada do site do Museu Bispo do Rosário, com legenda idêntica. O local, atualmente, preserva seus trabalhos. Disponível em <https://museubispodorosario.com/acervo/manto/> Acesso em 30/06/2025.



IMAGEM 5: Paula Onofre. *Perfex ao Mar. Detalhe*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)



;

IMAGEM 6: Paula Onofre. *Perfex ao Mar*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)

Perfex ao Mar (IMAGENS 5 E 6) foi produzido com a intenção de ser um trabalho onde eu usasse nele objetos que por algum motivo eu tivesse guardado em algum momento da minha vida, como coleções. As conchas que catamos na praia deserta em um dia dos pais durante a pandemia e guardamos em um pote de vidro como um presente-lembrança, as chapinhas de cerveja e refrigerante que catei no quiosque do João em uma tarde de brincadeiras com meu filho quando os sábados ainda eram dele, chapinhas estas que possivelmente foram expectadoras de conversas, encontros e momentos de prazer e que provavelmente carregam histórias de pessoas que desconheço. Tudo isso reunido em um pano de limpeza que com sua estampa gráfica me lembra o mar, cenário desses momentos vividos em família. Apresentado em forma de estandarte, elemento de muita simbologia na cultura popular brasileira e com forte presença em meus trabalhos, me faz acreditar e entender que levanto e carrego uma arte que faço e que tanto me representa, com alegria, força e orgulho tal qual são lindamente apresentados os estandartes nos blocos de carnaval por todo o Brasil, por exemplo.

Apropriar-se, neste contexto, não é meramente copiar ou reproduzir, mas deslocar, ressignificar, reconectar objetos e imagens a novos discursos. A apropriação surge como estratégia estética e crítica nos movimentos de vanguarda e ganha força com a arte contemporânea. Hal Foster (Foster, 2017, p. 123-157) observa que a apropriação se torna um gesto fundamental para a arte contemporânea na medida em que rompe com a ideia de originalidade e introduz uma dimensão crítica e política à produção artística. A assemblage não se trata apenas da colagem de materiais, mas da construção de uma nova narrativa visual a partir do deslocamento simbólico dos objetos e do estabelecimento de relações entre eles.

No Brasil, a apropriação assume camadas ainda mais complexas por dialogar com memórias coloniais, desigualdades sociais e resistências culturais. Exemplo disso é o trabalho da artista Rosana Paulino (1967), que utiliza técnicas de costura, colagem e intervenção em fotografias antigas para discutir questões de identidade, gênero e raça. Sua obra revisita memórias apagadas e resgata histórias silenciadas, especialmente de mulheres negras. Ao costurar sobre imagens e objetos, Rosana Paulino realiza uma apropriação crítica e afetiva, inserindo-se no debate sobre quem pode produzir memória e qual memória é visibilizada.

Poesia no que foi esquecido...

A memória é um fio invisível que costura instantes e emoções, tecendo a matéria sensível da criação artística. Nela, é encontrada não apenas inspiração, mas também solo fértil para semear narrativas. Criar a partir da memória é aceitar o desafio de dar forma ao efêmero, transformando a fragilidade dos momentos vividos em permanência poética. A arte pode ser

vista como um lugar de memória onde são guardadas e transmitidas histórias e valores culturais que, quando analisados criticamente, podem ser ressignificados, abrindo espaço para a construção de novas narrativas. Segundo a crítica e curadora Anne Cauquelin (2005), a memória, na arte contemporânea, não se limita ao papel de registro ou evocação nostálgica, mas atua como um material ativo de criação, um espaço simbólico de reconstrução e de disputa dos sentidos do passado. Assim, o artista torna-se um mediador entre o tempo vivido e o tempo presente, transformando lembranças em linguagem visual, sensível e crítica. A memória, nesse contexto, não é apenas aquilo que se preserva, mas aquilo que se recria, se problematiza e se compartilha. A memória não é uma simples reconstituição do passado, mas uma força ativa que molda o presente e o futuro.



IMAGEM 7: Rosana Paulino, *Parede de Memória* (Fotografia Isabella Matheus)².

² Imagem retirada do site SP-Arte. Disponível em www.sp-arte.com/editorial/ser-artista-negra-o-olhar-de-rosana-paulino-sobre-passado-presente-e-futuro Acesso em 30/06/2025.

Ao ser apresentada à obra *Parede de Memória*, de Rosana Paulino, surgiu em mim forte desejo de pensar sobre as minhas raízes e, através da minha expressão artística trazê-la para mais perto. Em um saco de algodão cru, desenhei e bordei minha família, meus pais, suas filhas e os filhos de suas filhas. Apesar de não ter mais a presença física do meu pai, o representei ali com a gente, como num desejo de que ele estivesse sempre por perto, coisa que não acontecia muito, mesmo durante sua permanência nesse plano. Por dentro, como somos todos um grande emaranhado de histórias, de vidas que se cruzaram, trabalhei com fios de malha reaproveitados com retalhos sendo a representação cada familiar dessa minha raiz.



IMAGEM 11: Paula Onofre. *Saco de Memórias*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)

Outra perspectiva, novos usos.

Durante meu percurso como aluna do curso de pós-graduação Saberes e Fazeres em Artes Visuais do Colégio Pedro II, desenvolvi meu caderno de artista com intuito de viver e despertar em mim e no meu olhar, formas constantes de ressignificar usos e funções de materiais descartados e em desuso.

Criar a partir do que foi rejeitado é um ato poético e político. É contrariar a lógica da obsolescência, é resistir à ideia de que as coisas – as ideias e as pessoas – têm valor apenas enquanto servem a um propósito imediato. Reutilizar é reconstruir sentidos, é fazer da arte um manifesto de permanência e transformação.

E assim, no gesto de colar, amarrar, pintar e esculpir, aquilo que um dia foi rejeitado se torna linguagem. A criação nasce do resíduo, a beleza emerge daquilo que foi negado.



IMAGEM 12: Paula Onofre. *Eu, de Bandeja. Fotografia, 2025.*

De Bandeja (IMAGEM 12) é um trabalho que teve início em uma aula da disciplina *Poéticas Contemporâneas e Ensino da Arte*, ministrada pela professora Janaina Laport Bêta. É

um convite para se olhar bem de perto, quase que por dentro, com ajuda de uma lupa de brinquedo, daquelas que foram muitas vezes ao chão de terra durante o brincar de uma criança querendo descobrir as “pequenezes” do seu mundo, e que está nesse trabalho para que, ao olhar-se através dela, se veja, se encontre, perceba e sinta todas as formas, jeitos e texturas de ser e estar nesse mundo.



IMAGEM 13 Arthur Bispo do Rosário, costura e escrita³.

³ Imagem retirada do site Revista Continente, Disponível em <https://revistacontinente.com.br/edicoes/142/bispo-do-rosario--o-colecionador-do-mundo> Acesso em 30/06/2025.

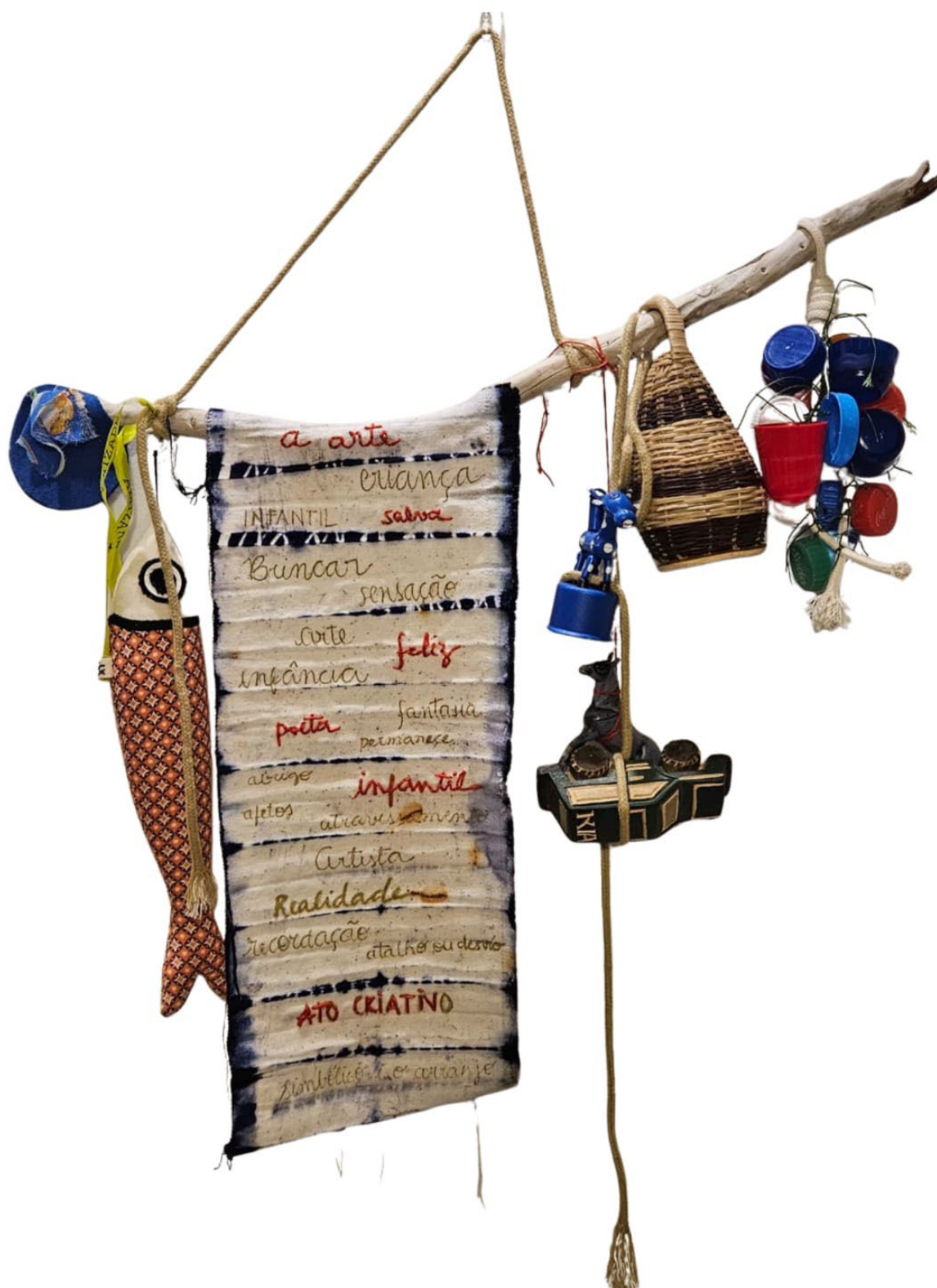


IMAGEM 14: Paula Onofre. *Arte e Infância*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)

Arthur Bispo do Rosário (IMAGEM 13), artista sobre o qual já tratamos acima, é um dos expoentes da *assemblage* no Brasil. Internado por décadas em um hospital psiquiátrico, Bispo construiu um universo singular ao reunir objetos do cotidiano – pedaços de tecidos, uniformes, botões, utensílios domésticos – transformando-os em relíquias poéticas e espirituais. Sua obra, profundamente marcada pela experiência de exclusão, é também um testemunho da potência criadora que resgata o que foi descartado, revelando um mundo sensível de significados e simbologias.

Trabalhar compondo brinquedos que fizeram parte da primeira infância do meu filho, peças afetivas e cheias de histórias, chocalho de tampinhas produzidos por mãe e filho em tempos de pandemia, carrinho de madeira que atravessou o oceano como presente de um amigo que mora longe, retalho de um pano usado em uma tentativa de pintura artesanal hoje bordado com palavras ouvidas e faladas em uma aula de *Poéticas Contemporâneas...* surge então a obra que chamei de *Arte e Infância* (IMAGEM 14).

Acredito que o artista é um tipo de pessoa que não deixou sua criança morrer. Acessar a dimensão infantil é essencial para a autenticidade, a criatividade e a liberdade. A arte nos salva justamente por ser um espaço de reencontro com nossa essência, um retorno às raízes, da invenção e da emoção pura. O artista que acolhe sua criança interior geralmente cria com mais liberdade, permite-se errar, explora materiais de forma lúdica, e questiona o mundo com sinceridade, favorecendo não só o processo artístico, mas também o desenvolvimento de uma obra que toca o outro com verdade.

Muitos são os artistas que, cada um à sua maneira, convergem na proposta de questionar os valores da sociedade contemporânea através da Apropriação e/ou da *assemblage*. A partir do resgate de materiais descartados e da construção de novas narrativas visuais, transformam lixo em linguagem, memória em presença e resto em resistência, mostrando como as práticas da *assemblage* e da apropriação não apenas questionam os limites da arte, mas também ampliar sua capacidade de falar sobre o mundo, de atuar sobre ele e de transformá-lo. Marcelo Conceição (1966), ex-morador de rua e hoje, artista visual, desenvolve seu trabalho a partir da coleta de resíduos sólidos e objetos em desuso, com forte ligação com a *Assemblage*. Em suas obras, cria composições que refletem sobre o descarte de memórias, desigualdade, a precariedade e a resiliência dos sujeitos urbanos. Sua produção artística, mostra como a arte pode se tornar um meio de reinterpretação do mundo e de transformação social.

Foi em uma de nossas saídas pedagógicas, na disciplina *Perspectivismos, Poéticas do Cotidiano e percursos Decoloniais*, ministrada pelo professor Alexandre Guimarães, que visitamos o Museu Janete Costa de Arte Popular, onde pudemos assistir à exposição *Matéria*

Prima, de curadoria de Jorge Mendes, exibida no período de 28 de novembro de 2024 a 27 de abril de 2025, que muita coisa começou a fazer sentido para mim. Peças soltas, de pensamentos e inquietações, se encaixaram fazendo surgir a vontade e a certeza de que eu deveria me debruçar e refletir sobre a nossa forma de consumo e sobre tudo aquilo que é considerado descartável.



IMAGEM 15: Marcelo Conceição. *Sem Título*. Assemblage, 2024. (Fonte: arquivo da autora, foto retirada na *Exposição Matéria Prima*, no Museu Janete Costa, 2024)

A partir da obra de Marcelo Conceição (IMAGEM 15) feita especialmente para a *Matéria Prima*, citada acima, desenvolvi meu trabalho *Obra de Memória* (IMAGEM 16, abaixo) utilizando apenas pequenos objetos esquecidos no fundo da gaveta da minha mesa de cabeceira. Fotos antigas da gente, de minha mãe, meu pai, irmãs e meu filho, chaves que com certeza já me abriram portas mas que já não me recordo, botões caídos de roupas que possivelmente não foram mais usadas por falta deles, o primeiro corte de cabelo do meu bebê e um pingente com recado pra não me esquecer que ninguém larga a mão de ninguém! Partes de minha vida que ainda não foram esquecidas, mas que estavam quietinhas dentro de mim, assim como esses pequenos objetos no fundo da gaveta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Onde tudo se recria.

Ensinar a arte do reaproveitamento é ensinar a arte do olhar. É despertar nos olhos – infantis ou maduros – a percepção de que nada se perde verdadeiramente, de que tudo carrega em si uma memória e uma promessa de futuro. No espaço da sala de aula, onde se constrói o pensamento e a experimentação, os materiais descartados se tornam sementes. Não apenas pelo que podem ser fisicamente, mas pelo que podem provocar em quem os toca. Existe urgência em provocar reflexões sobre o impacto do nosso uso do planeta, sobre as nossas responsabilidades com relação ao consumo excessivo, é necessário o despertar de uma consciência ambiental, que de acordo com o texto *Arte e Meio Ambiente: Perspectivas e Poéticas para Educação Ambiental* de Neila Tanisia Rocha Matias Siqueira (2024), a consciência ambiental pode ser conceituada como a percepção e compreensão crítica da relação entre seres humanos e o meio ambiente, envolvendo a sensibilização para os impactos ambientais ocasionados pelas ações humanas e a necessidade de práticas sustentáveis.



IMAGEM 17: Eduardo Srur, *PETS*. (Foto: Dong Hyun Sung)⁴.

⁴ Imagem retirada do site do Eduardo Srur, (Foto: Dong Hyun Sung) Disponível em <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/pets> Acesso em 30/06/2025.

Um artista brasileiro contemporâneo que tem se dedicado a pensar o reaproveitamento e outras questões ambientais em seu trabalho é Eduardo Srur (1974), que se destaca por suas intervenções urbanas que utilizam resíduos e objetos encontrados para provocar reflexão sobre o consumo e a poluição nas grandes cidades. Suas obras questionam a relação entre arte e espaço público, inserindo a crítica ambiental no cotidiano dos transeuntes (IMAGEM 17).



IMAGEM 18: Paula Onofre. De *Pet e Craca*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)



IMAGEM 19: Paula Onofre. *Engarrafada*. Fotografia, 2025 (Fonte: arquivo da autora)

Estar em contato com a natureza sempre foi uma forma de higiene mental, um momento de reflexão e relaxamento. Fugir pra ambientes naturais é o que me reconecta, o que me aterra e o que me inspira. As duas obras acima, *De Pet e Craca* e *Engarrafada* (IMAGENS 18 e 19) nasceram do incômodo que tem sido encontrar, cada dia mais, lixo plástico onde não deveria ter. Um desejo de jogar esse incômodo para o mundo com a intenção de gerar reflexões e ações práticas e educativas de cuidado com o meio ambiente.

Vivemos tempos em que o excesso de lixo se transforma em um dos maiores problemas ambientais comprometendo nossa qualidade de vida e o futuro que sonhamos viver. Diante dessa realidade, é essencial abrir espaço para conversas, escutas e reflexões sobre o cuidado com o mundo que nos acolhe. A escola, como lugar de descobertas e afeto, pode plantar sementes de consciência ambiental desde a infância, integrando práticas sustentáveis no cotidiano das crianças, como o reaproveitamento de materiais que seriam descartados, abrindo um caminho para a transformação do meio ambiente a partir de cada estudante que aprende a cuidar, criar e transformar. O ensino das artes visuais é um poderoso aliado na construção dessa consciência ambiental desde a infância. Ao integrar o reaproveitamento de materiais descartados às práticas artísticas, a arte se torna um meio sensível e expressivo de reflexão sobre o consumo, a produção de resíduos e o cuidado com o planeta. Por meio de propostas criativas com materiais reutilizados, as crianças desenvolvem não apenas habilidades estéticas e manuais, mas também valores éticos e afetivos em relação ao meio ambiente. A sala de aula torna-se um espaço fértil para experiências transformadoras, pois aprender a olhar para os

resíduos como possibilidade e matéria-prima é também aprender a olhar para o mundo com mais responsabilidade, imaginação e esperança.

A integração entre arte e educação ambiental surge como uma abordagem inovadora e eficaz na formação de cidadãos críticos e conscientes da importância da preservação do meio ambiente. Segundo Rizzi e Anjos (2012), a arte atua como uma linguagem poderosa que possibilita aos estudantes expressar suas percepções, emocionais e reflexões sobre os desafios ambientais enfrentados pela sociedade contemporânea. Ao trabalhar com materiais descartados na produção artística, as/os educadoras/es podem estimular uma prática de reutilização que, além de desenvolver competências técnicas e estéticas, promovendo uma compreensão prática e simbólica da necessidade de redução do lixo e do consumo excessivo. Essa experiência artística, fortalecida pelo ensino de educação ambiental, contribui para formar uma sensibilização que transcende o ato criativo, instaurando uma postura de responsabilidade e respeito pelo meio ambiente.

No contexto da arte-educação, o uso de materiais descartados representa mais do que uma simples intervenção estética; constitui-se como uma estratégia de transformação social e de resistência, construindo práticas de consumo adequadas. Segundo Rizzi e Anjos (2012), ao valorizar materiais rejeitados e transformá-los em obras de arte, as/os estudantes passam a compreender que o descarte pode ser uma oportunidade de reutilização criativa e uma ação de preservação, desafiando conceitos tradicionais de valor e beleza, além de ampliar suas perspectivas em relação ao ciclo de vida dos objetos. Essa prática educativa promove diálogos profundos sobre o impacto do consumo na manipulação ambiental, incentivando as/os estudantes a refletirem sobre suas próprias ações cotidianas. Assim, a arte, articulada à educação ambiental, potencializa uma formação que integra conhecimentos técnicos, habilidades ecológicas e valores éticos, gerando indivíduos capazes de atuar criticamente e de forma comprometida com a construção de uma sociedade mais sustentável e responsável. Essa experiência artística, fortalecida pelo ensino de educação ambiental, contribui para uma sensibilização que transcende o ato de criar, instaurando uma postura de responsabilidade e respeito pelo meio ambiente.

Essa articulação entre arte, educação ambiental e responsabilidade socioambiental exige uma abordagem interdisciplinar, na qual o ato de criar se torna exercício de sensibilidade, cidadania e transformação social (Rizzi e Anjos, 2012; Siqueira, 2015).

A visão de Siqueira (2015) reforça essa perspectiva ao afirmar que a arte, quando integrada aos processos de educação ambiental, atua como mediadora de novas percepções e sensibilidades, ampliando a consciência ecológica dos envolvidos. Práticas artísticas que vão

além do simples reaproveitamento de resíduos não apenas reduzindo o impacto ambiental, mas também criam espaços simbólicos de diálogo entre cultura, natureza e comunidade. Essa conexão com as realidades locais e a vivência dos estudantes potencializa o impacto da educação ambiental, possibilitando uma compreensão mais profunda dos desafios ambientais enfrentados na região e uma expressão artística que reflete as demandas, desejos e características específicas da comunidade. A criação artística torna-se uma manifestação das questões sociais e ambientais, fortalecendo valores de sustentabilidade e estimulando ações coletivas. Além disso, o trabalho com materiais reaproveitados permite explorar conceitos próprios da arte contemporânea, promovendo, mais uma vez, reflexão crítica sobre consumo, descarte e a relação do indivíduo com o meio ambiente.

O reaproveitamento de materiais descartados na arte-educação não se limita a uma estratégia de baixo custo, mas se torna um campo fértil para o desenvolvimento integral do aluno. Ao integrar fundamentos da arte contemporânea, princípios de sustentabilidade e metodologias participativas, o professor contribui para a formação de alunos criativos, críticos e comprometidos com a transformação social e ambiental. A prática de trabalhar com resíduos na produção artística reforça o papel da arte na educação ambiental como instrumento de sensibilização e ação eficaz na construção de uma sociedade mais responsável e consciente de seu impacto no planeta.

REFERÊNCIAS

- CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DANTO, Arthur C. **A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- FOSTER, Hal. **O Retorno do Real: a vanguarda no final do século XX**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- KAUFMANN, Carine. **A arte-educação contribuindo para a educação ambiental mediante a utilização de materiais alternativos/sucata no processo pedagógico**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2011.
- RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. **Arte-educação e meio ambiente: apontamentos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental**. *In Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 43-52, 2012.
- SIQUEIRA, Neila Tanísia Rocha Matias. **Arte e meio ambiente: perspectivas e poéticas para educação ambiental**. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 2015, Curitiba/PR.